

Uma breve análise reconstrutiva do projeto filosófico ocidental à partir de um diálogo com outras áreas do conhecimento.

Autor: Leocir Bressanⁱ

Co-autores: Emerson Roballoⁱⁱ; Denis da Silva Garciaⁱⁱⁱ; Fernanda Hart Garcia^{iv}; Pablo Mauricio Paim^v; Roberto Basílio Leal^{vi};

O problema motivador desta pesquisa é de ordem filosófica mas tem como pano de fundo uma inter-relação com as demais disciplinas e trata-se de tematizar e investigar o ambicioso projeto filosófico e científico racional da humanidade ocidental. Assim, o problema que norteará esta apresentação será: de que forma um empreendimento tão grandioso de tentar conduzir a humanidade a partir de princípios racionais e científicos não rendeu todos os frutos esperados? O objetivo, portanto, consiste em compreender e clarear este grande empreendimento racional e buscar debater e diagnosticar em que sentido e por que razão este projeto não rendeu os frutos que dele se esperava. Estes questionamentos brotam sobretudo das discussões éticas mas também do questionamento com relação aos fins últimos de todo o nosso conhecimento em geral e serão tematizados à luz das reflexões entre as várias áreas do conhecimento.

As discussões filosóficas acerca da definição da natureza humana como sendo racional tem nos levado, a partir da constatação dos fatos na história, algumas controvérsias sobretudo num mundo contemporâneo que nos apresenta diversas facetas nebulosas por muitos pensadores associadas a conceitos como irracionalismo contemporâneo e crise da humanidade ocidental. Neste sentido, inúmeras teorias filosóficas e, porque não, científicas e até morais contemporâneas se propõe a questionar este primado racional da humanidade ocidental. Ao perceber-se a pertinência desta questão não somente para o âmbito filosófico, propõe-se esta discussão tomando-se como eixo central a discussão em termos de questionamento de um modelo de racionalidade que se inicia entre o pensamento grego e que virá a caracterizar toda a civilização ocidental partindo de uma reflexão filosófica mas tendo como pano de fundo a relação com outros domínios do saber tais como ciência, ética e educação.

Acredita-se que este problema filosófico acerca da discussão em torno da verdadeira natureza humana constitui uma das mais árduas discussões que preenchem a pauta de discussão do pensamento ocidental. Para tanto, nosso objeto de estudo será um dos grandes espinhos da humanidade em geral: a racionalidade humana.

O grande projeto da humanidade ocidental fixa suas raízes no pensamento grego. Ao iniciar um modelo de pensamento que, desde suas origens, procura romper com os mitos e propor uma explicação racional para tudo, os primeiros filósofos lançam as primeiras sementes de um tipo de racionalidade que viria a caracterizar toda a civilização ocidental posterior. A crença nos poderes da razão unia filósofos e cientistas. Esta unidade de pensamento fez com que no pensamento filosófico nascente militassem físicos, matemáticos, cientistas naturais de um modo em geral. Pode-se dizer que o grande desafio neste momento grego é o de buscar compreender o universo da natureza e do ser humano pela via racional, não mais pelo recurso aos mitos. Semeada esta primeira semente, nunca mais a civilização ocidental seria a mesma. O grande sonho de não somente compreender racionalmente o universo e o ser humano mas de utilizar este conhecimento em prol de um benefício para a civilização começa a ser gestado no pensamento grego. Este primeiro impulso em direção a uma explicação racional e não mais mitológica do universo e do ser humano traz consigo uma crença de que o ser humano tem condições de apreender a verdade definitiva sobre as coisas. Ora, muito embora o período medieval tenha como fundamento último a fé em detrimento da razão, a crença no status da verdade continua a mesma do pensamento grego. Assim, os dogmas sustentados pela igreja contém um status de verdade acabada e definitiva. Aqui utilizamos o pensamento de Boavida (2008) o qual afirma:

[...] o conhecimento considerado verdadeiro na Idade Média era um conhecimento que era assente na análise dos textos considerados mais fidedignos, e no método dedutivo; era rigoroso, mas tendencialmente abstrato e fechado, não possibilitando de fato grande progresso tal como o entendemos hoje. Constituiu, assim, num sistema e num método em que a própria força e rigor lógicos impediram, durante séculos, o reconhecimento das suas limitações dificultando simultaneamente a procura livre e a investigação, fatores que produzem o progresso científico, tal como é entendido modernamente” (2008, p. 26).

Ora, se contextualizarmos este ambiente para a área da educação, então veremos que este cenário de verdade acabada também paira pelo meio pedagógico. É o que nos referenda o filósofo alemão Herbert Schnadelbach quando afirma que

[...] para responder a essa pergunta é necessário remontar-se à função do ensinamento na Universidade na Idade Média e na época do absolutismo. Em ambos os casos se tratava de transmitir um corpo estático de conhecimentos, conservados nas obras de reconhecidas autoridades. Longe de representar um mérito, a criatividade se considerava indesejável no professor. E isso porque, conforme a mentalidade da época, a

verdade é algo já estabelecido e aceito por todos; para adquiri-la basta apreendê-la” (1991, p. 37).

Ao avançarmos um pouco mais na história de modo a transitarmos para o início do pensamento moderno, percebemos com muito maior força este impulso racional nos mais diversos campos do saber. Guiado pelo renascimento científico e filosófico, o pensamento moderno surge com um otimismo sem precedentes no sentido de acreditar nos poderes da razão, agora livre da magia dos mitos e, aos poucos, isenta da repressão religiosa do período medieval. Muitos são os aspectos pelos quais poderíamos elucidar este ambiente otimista do pensamento moderno, todavia, no campo filosófico, o iluminismo nos parece a expressão mais viva desta crença ilimitada nos poderes da razão humana. Um tal otimismo age como motivador da ideia de que a ciência moderna guiada pela luz da razão humana trará somente benefícios para a humanidade em geral. Ora, se acompanharmos a ciência de um modo em geral após o período moderno, perceberemos que ela transforma-se constantemente, trazendo avanços nos mais variados campos do saber. Todavia, ela não nos traz somente bons frutos. Cansamos de presenciar consequências funestas que estão associadas ao próprio desenvolvimento da ciência e tecnologia, sobretudo com seu mau uso. Mas não somente a ciência fracassa; o próprio sonho da filosofia de se transformar numa ciência dos fundamentos desmorona com o advento de correntes como o naturalismo e o próprio ceticismo. Representante máximo do ceticismo moderno, o filósofo David Hume figura um diálogo entre o homem e a natureza e adverte:

[...] tolero vossa paixão pela ciência, diz ela [a natureza], mas fazei com que vossa ciência seja humana de tal modo que possa ter uma relação direta com a ação e a sociedade. Proíbo-vos o pensamento abstruso e as pesquisas profundas; punir-vos-ei severamente pela melancolia que eles introduzem, pela incerteza sem fim na qual vos envolvem e pela fria recepção que vossos supostos descobrimentos encontrarão quando comunicados. Sede um filósofo, mas, no meio de toda vossa filosofia, sede sempre um homem” (2000, p.3).

Na mesma linha de raciocínio, em seus *Ensaio Político, Morais e Literários* Hume afirma:

A vida humana é mais governada pelo acaso que pela razão, deve ser encarada como um enfadonho passatempo do que uma ocupação séria, e é mais influenciada pelo temperamento de cada um do que por princípios de ordem geral [...] Enquanto especulamos a respeito da vida, a vida já passou. E a morte, embora eles talvez a tratem de maneiras diferentes, trata do mesmo modo o tolo e o filósofo. Tentar reduzir a vida a uma regra e a métodos exatos é geralmente uma ocupação dolorosa ou infrutífera [...]. E mesmo especular cuidadosamente sobre

ela, procurando estabelecer com rigor sua justa ideia, equivaleria a superestimá-la, se para certos temperamentos esta ocupação não fosse uma das mais divertidas a que é possível dedicar a vida (1994, p.227).

Ora, a partir de algumas consequências visualizadas nos mais diversos campos do saber durante nossa história recente, percebemos que o sonho grego e moderno, em alguns casos, transforma-se em um grande pesadelo. Apontamos para algumas tentativas de compreender por que razão o mundo ocidental tenha tido um projeto racional tão ambicioso e os resultados por ele alcançados nos tem trazido consequências tão questionáveis. Tais tentativas vão desde a corrente de pensadores da Escola de Frankfurt até as recentes reflexões no domínio da ética contemporânea que buscam discutir os fins últimos do conhecimento e da ciência humana. Em outras palavras, trata-se de tematizar o grande empreendimento racional ocidental em seu primeiro impulso no pensamento grego até o pensamento contemporâneo, buscando visualizar, através das reflexões em diferentes áreas do conhecimento, em que sentido e por que razão, este projeto fracassou.

Referências:

AGOSTINHO, Santo. **Cidade de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1990. 254 p.

BOAVIDA, João. **Ciências da Educação: Epistemologia, Identidade e Perspectivas**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2008. 388p.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1986. 118 p.

_____. **Meditações**. Trad. J. Guinsburg e B. P. Júnior. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 155 p.

DROYSEN, Johann Gustav. **Histórica. Lecciones sobre la enciclopedia y metodologia de la historia**. Trad. Ernesto Garzón Valdés y Rafael Gutiérrez Girardot. Barcelona: Alfa, 1983.

GADAMER, Hans-Georg. **La dialéctica de Hegel**. Trad. Manuel Garrido. 5. ed. Madrid: Cátedra, 2000. 58p.

HUME, David. **Investigação sobre o entendimento humano**. São Paulo: Escala, 2000. 173 p.

_____. “O cético”. **Ensaio morais, políticos e literários**. São Paulo: Abril Cultural, 1994. 254 p.

HUSSERL, Edmund. **A crise da humanidade européia e a filosofia**. Introd. E Trad. de Urbano Zilles, 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 53 p.

NETTO, Alfredo Veiga. Olhares. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, 187p.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996. 296 p.

SCHNÄDELBACH, Herbert. **Filosofia en Alemania, 1831-1933**. Trad. Pepa Linares, Madrid: Ediciones Cátedra, 1991. 285 p.

TOMAS DE AQUINO, Santo. **Suma Teológica**. Porto Alegre: Sulina, 1980. 214 p.

ⁱ Professor no Instituto Federal Farroupilha – Campus São Borja;

ⁱⁱ Professor no Instituto Federal Farroupilha – Campus São Borja;

ⁱⁱⁱ Professor no Instituto Federal Farroupilha – Campus São Borja;

^{iv} Professora no Instituto Federal Farroupilha – Campus São Borja;

^v Professor no Instituto Federal Farroupilha – Campus São Borja;

^{vi} Professor no Instituto Federal Farroupilha – Campus São Borja;